

## Seleção para o **Mestrado** em Linguística | Turma 2023

### RESPOSTAS DE REFERÊNCIA

#### **Prova de conhecimentos específicos em Linguística**

Linha de Pesquisa: **Linguística e Cognição**  
Área temática: Linguística Cognitiva e Computacional

Candidato nº. \_\_\_\_\_

#### **Observações:**

1. As respostas deverão se ater exclusivamente ao que está sendo perguntado;
2. Elabore sua resposta em formato de texto e procure expressar-se de maneira clara, organizada e eficiente;
3. As respostas deverão ser escritas a tinta;
4. Para cada uma das duas questões solicitadas, será atribuída uma nota de 0-50 (zero a cinquenta) pontos;
5. O tempo de duração da prova é de 4 (quatro) horas.

## Texto-base para a Questão 1:

### “Ciência com fronteiras”

Patrícia Lauretti

“Ciência sem Fronteiras é um programa que busca promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional”. A descrição está na página oficial do programa, uma iniciativa dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC). Mas quando fala em ciência, a que exatamente o texto se refere? E, principalmente, quando se observam as áreas contempladas, o que não está sendo dito? Ou, para quem trabalha na área da linguística, quais os sentidos que são produzidos por esta ausência, sobretudo com relação às artes e às ciências humanas?

Essas questões mobilizaram a pesquisadora Tainá Cristina Costa Lopes, que defendeu mestrado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), com orientação da docente Monica Zoppi, sobre os sentidos de ciência na política do Ciências sem Fronteiras. Tainá analisou textos diversos do site oficial do programa, assim como o seu projeto de lançamento, e ao final concluiu que o que se pretende com o programa – e está bastante claro – é o desenvolvimento econômico do país a partir da valorização de certas áreas do conhecimento. Tainá usou a proposta de análise defendida pelo professor Eduardo Guimarães, do IEL, que é a Semântica do Acontecimento. Filiada à Análise do Discurso, a metodologia leva em consideração a enunciação como um acontecimento, e o sentido de uma palavra como algo que se constrói a partir da sua história de enunciações, no texto em que aparece e em relação a outras palavras ali presentes.

O trabalho é uma espécie de mapeamento das palavras, que leva em conta dois procedimentos: a reescrita da palavra, ou como ela aparece de outra forma no texto, agregando novos sentidos; e o domínio semântico de determinação, ou seja, que palavras são usadas para determinar a palavra ciência e, assim, construir o seu sentido.

Segundo a autora, “a palavra ciência aparece nos textos analisados como: áreas tecnológicas, inovação, áreas de vanguarda científico-tecnológicas, áreas que vão trazer o desenvolvimento para o Brasil”. As palavras que estão determinando ciência, seriam: tecnologia, inovação e vanguarda, por exemplo. A primeira e preocupante

descoberta da pesquisa foi a de que, ao excluir as humanidades das áreas elegíveis, o Ciência sem Fronteiras delimita o que é ciência e o que não é. “Se o programa chama Ciência sem Fronteiras, e é voltado para a ciência, só é ciência na concepção do programa, o que ele definiu como elegível, o que ficou de fora não é considerado ciência nesse contexto”, aponta Tainá. Ou seja, humanas e artes não são consideradas ciências.

Se assim for, o que o programa considera ciência afinal? “Fui percebendo que a palavra vinha sempre predicada por um sentido de tecnologia e inovação. Mesmo nas áreas elegíveis, pouquíssimas vezes aparecia a palavra ciência. Em seu lugar muitas vezes foram usados termos como ‘o novo em produção de conhecimento’, ‘conhecimento tecnológico’, etc”.

Sem contar que as áreas contempladas são tratadas com “áreas de vanguarda”. Tainá questionou. “O que é a vanguarda? Algo que está à frente. Portanto, se as áreas escolhidas são ciência na concepção do programa, e vêm predicadas por esse sentido de inovação, de algo que está à frente e, por isso, podem trazer o novo e, assim, o desenvolvimento para o país, o que acontece, então, com as áreas que estão excluídas? O que é relegado para as ciências humanas e artes? A elas é relegado o passado, um efeito de sentido de que elas se ocupam do que é velho, obsoleto, e, por isso, não vão trazer o desenvolvimento para o país”.

Tainá ressalta que nada disso está no texto claramente. “São sentidos que se produzem nesta relação da palavra ciência com as outras”, e mesmo a exclusão das humanidades não se dá explicitamente a todo momento. A pesquisadora recorda o caso de uma das áreas elegíveis que é a “indústria criativa”. “Quando foram concedidas as primeiras bolsas, não havia uma definição muito clara do que se tratava essa área. Alguns alunos de artes, arquitetura e marketing se utilizaram dessa brecha e conseguiram algumas bolsas”. No entanto, complementa, a partir de 2013 a área passa por um refinamento e foi modificada para “indústria criativa voltada para a produção de produtos tecnológicos e inovadores”, para que as áreas excluídas – como as artes, por exemplo – não pudessem realmente participar do programa”

Trecho do texto “Ciência com fronteiras” de Patrícia Lauretti, publicado em *Jornal da Unicamp*, 03 de outubro de 2016 a 16 de outubro de 2016, Ano 2016, nº 671. (Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/671/ciencia-com-fronteiras>. Acesso em 10/10/2022)

### QUESTÃO 1.

A pesquisadora entrevistada por Patrícia Lauretti discute no trecho em destaque a compreensão do termo “ciência” no contexto de um programa de fomento do governo federal brasileiro vigente à época. A partir da concepção teórica e de aparatos técnicos da sua preferência, discuta como a Linguística pode ser considerada uma ciência. Na sua discussão, delimite possíveis objetos de análise delineados a partir da visão que você forneceu e apresente a relevância de uma abordagem científica da linguagem para esses objetos.

Na construção do texto da sua resposta é esperado que você:

- **Defina** de forma clara qual é o objeto da ciência da linguagem, discutindo a partir da abordagem teórica de sua preferência como este objeto é tratado;
- **Delimite** um (ou mais) objetos teóricos criados pela ciência da linguagem, fornecendo ao menos um exemplo de fato empírico da língua que poderia ser tratado a partir da perspectiva que você delineou;
- **Discuta** a relevância de uma visão científica da linguagem, tal como a empreendida pela Linguística.

**Observação:** sua resposta não deverá replicar os exemplos oferecidos no texto-fonte.

*Na construção do texto da resposta era esperado que a/o candidata/o:*

*- Indicasse que o objeto da ciência da linguagem é a língua, definindo-o, então, a partir de uma perspectiva teórica que escolhesse adotar, de modo a caracterizar a Linguística como uma ciência. Uma possibilidade seria, por exemplo, adotar o referencial saussureano, definindo a língua como um sistema de signos, ou seja, um conjunto de unidades que se relacionam organizadamente dentro de um todo;*

- Delimitasse um (ou mais) objetos teóricos criados pela ciência da linguagem, fornecendo ao menos um exemplo de fato empírico da língua que poderia ser tratado a partir da perspectiva adotada na definição apresentada anteriormente. Esperava-se que a relação entre o objeto e a definição apresentada fosse clara. Uma possibilidade seria indicar como fato empírico da língua um termo que tenha variado de sentido ao longo do tempo e fazer diferentes ponderações quanto a este termo sob uma perspectiva sincrônica e diacrônica.

- Discutisse a relevância, seja social, seja teórica, de se considerar a Linguística como uma ciência, por exemplo, defendendo que tal perspectiva poderia fundamentar a participação de pesquisadores dessa área em programas de fomento como o “Ciências sem fronteiras”.

## QUESTÃO 2.

Em *Língua, uso e cognição*, Joan Bybee define *chunking* como sendo um processo cognitivo de domínio geral por meio do qual

[...] sequências de unidades que são usadas juntas se combinam para formar unidades mais complexas. [...] Na linguagem, *chunking* é básico para a formação de unidades sequenciais expressas como construções, constituintes e expressões formulaicas. Sequências repetidas de palavras (ou morfemas) são embaladas juntas na cognição de modo que a sequência possa ser acessada como uma unidade simples. (BYBEE, 2016, p. 26)

A partir da citação de Bybee (2016), comente de que maneira o conceito de *chunking* se relaciona ao mecanismo da frequência de uso e aos efeitos da redução fonética e da perda de composicionalidade, pautando-se nos exemplos destacados abaixo.

(1) Mas, que é muita pressão pela mulher é. Aí, eu chego aqui, o outro: “Ah! Não tem nada pra comê?”, : “Ai, a casa tá suja”.

Ah! Calma aí, <daí...> tem que tê uma compreensão por parte <da pe...> do marido. Que tem que sabê que, **perai**, tu não tá lá de bobeira não, [tá]... [tá]... [tá]... tá trabalhando. (“PEUL”, entrevista R01 Eri- 1 *apud* OLIVEIRA, 2012, p. 137-138)

(2) “É mais um ano que tá acabando e lá vem aquela famosa sensação de que tudo passou tão rápido... Bem, agora que é final do ano claro que passou **pra lá de** rápido, né? Mas o durante chegou a ser entediante, emocionante, vontade de apertar o botão "turn off" e só ligar quando tudo tivesse terminado.”

(Disponível em: <[http://www.fotolog.com/avasala\\_doras/9418520/](http://www.fotolog.com/avasala_doras/9418520/)>. Acesso em: 2 jan. 2015 *apud* VENÂNCIO, 2015, p. 91-92).

*De acordo com Bybee (2016), denomina-se chunking o processo cognitivo de formação de unidades sequenciais, ou construções, mais complexas, o qual ocorre a partir da alta frequência de uso de elementos contíguos como sendo um bloco único. É nesse contexto que esperava-se dos candidatos o estabelecimento da relação entre a formação de chunks e os possíveis efeitos da redução fonética e da perda de composicionalidade semântica e sintática, nos termos de Bybee (2016), pautando-se nos exemplos do marcador de contraexpectativa “perai” e da construção intensificadora “pra lá de”.*

*No exemplo (1), a construção “perai” constitui uma aglutinação de “espera” mais “aí”, exercendo a função de marcador discursivo de contraexpectativa. Nesse caso, observa-se que a alta frequência de uso do verbo “esperar” mais o locativo “aí”, em contexto de contraexpectativa, além de resultar na redução fonética, tem como efeito, também, a perda de composicionalidade semântica e sintática, que diz respeito ao grau de transparência entre forma e significado de uma construção. Desse modo, em “perai”, a soma do significado do verbo “esperar” (aguardar no tempo) com o significado do locativo “aí” (espacial e concreto) não corresponde ao significado do todo (marcador de contraexpectativa). Também no nível sintático, observa-se uma mudança de categoria, uma vez que “perai” passa a atuar como marcador discursivo,*

*ampliando seu escopo de incidência e não retendo as propriedades gramaticais de sua categoria-fonte (não permitindo, por exemplo, material linguístico interveniente entre “pera” e “ai”).*

*O mesmo processo ocorre com a construção “pra lá de” no exemplo (2). A preposição “para/pra”, o locativo “lá” e a preposição “de”, a partir da alta frequência de uso juntos, passam a ser processados cognitivamente como uma unidade mais complexa, formando um chunk que exerce a função de intensificador no português brasileiro (de maneira que “pra lá de rápido” tem sentido aproximado a “muito rápido”). Nesse caso, também se observa o efeito da perda de composicionalidade semântica e sintática, uma vez que, além da mudança categorial, há uma expansão do sentido espacial e mais concreto de “pra lá de” para o sentido de intensificação na marcação do grau.*